

# CONECTORES FÁTICOS E CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO INTERLOCUTIVA

*Maria Aldina Marques*

Instituto de Letras e Ciências Humanas – Universidade do Minho

O objectivo deste trabalho é, tão-só, trazer a público uma pequena reflexão sobre o lugar dos conectores fáticos na construção da relação interlocutiva e, a partir daí determinar a sua importância para a análise do(s) discurso(s).

Para Jakobson, retomando o conceito introduzido por Malinowski, a função fática é característica de

«... mensajes que sirven fundamentalmente para establecer, prolongar o interrumpir la comunicación, para comprobar que el canal está actuando («Oiga, ¿me escucha?»), para atraer la atención del interlocutor o para confirmar su atención continuada («¿Me estás escuchando?»). Este sesgo hacia el CONTACTO (...) puede ser representado por um profundo intercambio de fórmulas ritualizadas, por diálogos enteros con el simple propósito de prolongar la comunicación.».

(JAKOBSON, 1988: 371),

No desenvolvimento do tema, Jakobson enumera alguns tipos de marcas linguísticas a que, na sua opinião, comete a «empresa de comenzar y sostener una comunicación», uma dimensão afinal tão básica – e tão pouco «linguística» – que, acrescenta o autor, «es típica de las aves parlantes; de este modo, la función fática del lenguaje es la única que comparten con los hombres cuando conversan con éstos» (*idem, ibidem*).

Marcada na sua marginalidade, a função fática é mais um sinal de uma disposição genética para a actividade de comunicação, mero intercâmbio de fórmulas ritualizadas, onde a comunicação toma forma:

«Es también la primera función verbal adquirida por los niños; estos se hallan dispuestos a restablecer una comunicación antes de estar capacitados para enviar o recibir una comunicación informativa.» (*idem, ibidem*).

O carácter periférico e residual que lhe é atribuído entende-se se se compreende que, apesar de considerados, os interlocutores, emissor e receptor, são exteriores à língua, exteriores ao processo de construção de uma comunicação que é essencialmente informativa, e apropriadamente designados como ponto de origem e de chegada de uma mensagem que, essencialmente também, os deixa e se deixa incólume(s).

O quadro de funcionamento de algum modo redutor em que Jakobson a apresenta, e, por consequência, o pouco interesse que poderá vir a ter na análise linguística, quase exclusivamente preocupada com o texto escrito, favoreceram a marginalização desta vertente da construção discursiva.

Por outro lado, contrariamente a qualquer expectativa, a atenção à linguagem oral dicotomicamente oposta à linguagem escrita<sup>1</sup> – e passemos sem referir a relativa artificialidade, mas comodidade metodológica, das dicotomias – não contribui de imediato para uma reorientação na análise destes elementos cuja tradicional marginalidade impregna o próprio termo que as designa: «partículas», «apêndices», ou ainda, «bordões de linguagem<sup>2</sup>».

Com efeito, os estudos com vista à caracterização da linguagem oral centraram predominantemente a sua atenção nas estruturas sintácticas, em busca de especificidades e divergências, que, pelo menos nos primeiros trabalhos, eram determinadas em função da «gramática da escrita<sup>3</sup>». Ora, a sua caracterização a partir da sequencialidade verbal é uma excessiva simplificação que fragiliza a distinção e limita a interpretação e compreensão de tais diferenças, que decorrem também de outras dimensões constitutivas da interacção verbal.

É preciso, pois, esperar pelos desenvolvimentos da pragmática linguística e em particular da análise do discurso (no seu sentido mais amplo) para encontrar aí o lugar propício à atenção aos conectores fáticos e aos seus funcionamentos discursivos. Tal significa sair de uma investigação que tinha como ponto de partida um conceito da língua como código, para, num novo enfoque teórico, postular uma concepção dinâmica da língua, que, como se afir-

<sup>1</sup> À dicotomia oralidade/escrita parecem ter sido atribuídas mais responsabilidades que as que na realidade pode assumir. Na complexa heterogeneidade das produções discursivas, é, pois, necessário lembrar que estes dois pólos de uma real gradação coexistem com outras possíveis dicotomias/gradações de que salientamos, por exemplo, o par «discurso planeado/não planeado».

<sup>2</sup> Persistentemente perseguidos em contextos pedagógico-didáticos, como vícios de linguagem a evitar. Aliás, as características da «linguagem oral» sempre – e só – foram objecto de discussão a propósito do texto literário ou das composições escolares de alunos que «escrevem como falam».

<sup>3</sup> É uma indistinção que em nada favorece a análise da linguagem oral ou escrita. São importantes os trabalhos de Blanche-Benveniste, que se interessa pelas estruturas sintácticas da linguagem oral, desfazendo preconceitos quanto à simplicidade destas, onde predominaria a frase simples, em comparação com as estruturas marcadas pela frase complexa da linguagem escrita. Marie-José Béguelin (1998: 229) aponta, também, alguns dos problemas que suscita «l'opposition langue parlée vs langue écrite», porque, nomeadamente, se trata de uma oposição que «n'est pas saisissable».

mou já, «integra as suas condições de uso» (FONSECA, 1994: 53). Opera-se, deste modo, uma reorientação teórica, e metodológica, que coloca no centro da actividade de comunicação os (inter)locutores.

A função interpessoal da linguagem, assim evidenciada, obriga à consideração dos intervenientes no acto comunicativo e, por conseguinte, das categorias linguísticas que mostram essa presença na superfície discursiva. São marcas de alteridade, do dialogismo fundamental da linguagem, que, deste modo, se mostra como «linguagem-para-o-outro».

A determinação do quadro comunicativo deixa de ser um interesse que apenas concerne a sociólogos e antropólogos. Como coordenada fundamental, os interlocutores e a relação comunicativa que assumem, e da qual são indissociáveis, estão implicados, a par de outras vertentes, na estruturação do discurso<sup>4</sup>. Porque, como a propósito assinala Lorenza Mondada<sup>5</sup>, as formas da língua tanto quanto as práticas linguísticas configuram-se, estruturando e sendo estruturadas pela situação de enunciação e de interacção. Ou, no que agora nos importa – e as palavras são de Robert Vion<sup>6</sup> –, os interlocutores não podem ocupar um lugar comunicacional fora da construção do sentido, que por sua vez não funciona fora dos interlocutores.

Não é, pois, inócua a relação particular que em cada acto de comunicação se estabelece. Na correlação de forças que a relação interpessoal instaura assenta o jogo de influência que nos discursos se joga e no qual intervêm, entre outras vertentes,

- a) a imagem que o locutor faz /dá de si mesmo.
- a) a imagem que o locutor faz/dá do alocutário.
- b) a imagem que o locutor faz/dá da relação entre locutor/alocutário.

Os conectores fáticos são alguns dos dispositivos linguísticos, de que o locutor dispõe para marcar verbalmente essa relação interlocutiva, de forma tanto mais importante quanto diferentes participantes se relacionam com modos diferentes de interacção. A relação interaccional condiona, é importante acentuá-lo

<sup>4</sup> C. Kerbrat-Orecchioni (1996: 30) apresenta essa dimensão da investigação que se torna central no âmbito da análise conversacional: «...l'investigation s'est étendue aux aspects que je dirai globalement relationnels, c'est-à-dire qui ne concernent plus la construction du texte conversationnel, mais les relations qui se construisent, par le biais de l'échange verbal, entre les différents acteurs engagés dans les processus communicatifs»

<sup>5</sup> «Les formes de la langue autant que les pratiques langagières se configurent en structurant et en étant structurées par leur situation d'énonciation et d'interaction.» (MONDADA, 2001:3),

<sup>6</sup> «...on ne peut occuper une place qu'en construisant des contenus et on ne peut espérer communiquer sans établir un positionnement réciproque.» (VION, 1992: 112).

mais uma vez, o conteúdo proposicional comunicado<sup>7</sup>. Mas é, também, condicionada por este, enquanto relação que se constrói no discurso e com o discurso.

A importância dos conectores ou marcadores discursivos – enquanto categoria discursiva – na estruturação do discurso tem merecido a maior atenção dos investigadores das mais diversas correntes da vasta área da linguística do uso/funcionamento do sistema. São trabalhos que têm essencialmente como objectivo determinar o seu estatuto teórico: nomeadamente identificando-os, determinando o seu significado, as funções que manifestam, quer numa perspectiva global, quer a propósito do funcionamento de um conector em particular (FRASER, 1999: 932).

A par da terminologia proposta, e a que já fiz referência<sup>8</sup>, as definições propostas apresentam também alguma diversidade. Mais ou menos abrangentes, são avançadas definições dos conectores/marcadores que privilegiam ora uma dimensão interaccional ora instrucional

- (a) «...un medio de lengua para facilitar la articulación entre lo dicho y el contexto» (ZORRAQUINO e PORTOLÈS LÁZARO, 1999: 4079);
- (b) «...In very general terms, pragmatic markers presuppose one speaker and at least one addressee taking part in a speech situation...» (ERMAN, 2001: 1339).
- (c) «...a group of expressions (...) usually lexical expressions, [that] do not contribute to the propositional content of the sentence but signal different types of messages» (FRASER, 1999: 936).

O carácter instrucional dos conectores é acentuado pelos investigadores, nomeadamente por Blakemore (apud FRASER: idem) cujos trabalhos neste domínio têm merecido larga divulgação, e que, em oposição às «expressões nominais» que considera terem significado representacional, acentua o facto de aqueles serem constituídos por instruções sobre como manipular a representação conceptual do enunciado.

Este é, por essa razão, um dos critérios mais considerados na classificação dos conectores discursivos, sendo o segundo decorrente deste: a possibilidade, dada a sua relativa autonomia, de ocorrerem em início ou final de enunciado, individualizados por pausas.

<sup>7</sup> É uma relação afirmada já por Benveniste (1974:82): «La condition même de cette mobilisation et de cette appropriation de la langue est, chez le locuteur, le besoin de référer par le discours, et, chez l'autre, la possibilité de co-référer identiquement, dans le consensus pragmatique qui fait de chaque locuteur un co-locuteur. *La référence est partie intégrante de l'énonciation.*» (itálico meu)

<sup>8</sup> E que é apenas o início de uma longa lista. Sem preocupações de exaustividade, recenseei: expressões de interlocução, sinais de interlocução, marcadores de situação interaccional, sinais interlocutivos, marcadores de interactividade, operadores discursivos, marcadores pragmáticos, entre outros.

Não poderá inferir-se desta sucinta apresentação que se está perante uma categoria homogénea e sistemática. Com efeito, é uma classe de difícil sistematização, que torna quase utópica qualquer tentativa (ensaiada sobretudo nos primeiros trabalhos) de um tratamento exaustivo, embora só muito recentemente tenham sido alvo de atenção acurada e sistemática por parte dos investigadores. Os conectores formam uma categoria aberta, marcada por um processo básico de gramaticalização que tende à invariabilidade dos marcadores discursivos. Acresce ainda que a esta variedade gramatical se junta a variedade originada nas vertentes diafásica e diastrática que também caracterizam estes elementos.

Na sequência desta preponderante preocupação «gramatical», surgem tentativas de classificação que propõem, segundo critérios diversos, subclasses onde os conectores fáticos têm lugar. Contudo, o lugar marginal em que os colocou Jakobson, relativamente ao funcionamento do acto de comunicação e às funções da linguagem, parece manter-se e obliterar sentidos e funções veiculados por estes elementos linguísticos.

Creio que tal se relaciona, com a especificidade dos textos/discursos onde aparecem, mas também com a desvalorização que acarreta a sobrecarga de ocorrências registadas em certas realizações do quotidiano, na origem, aliás, do jogo de palavras entre «fáticos» e «fá-tiques». Ou seja, são recorrências que se cíclicas, de carácter automático, que pontuam o discurso sem dele parecerem fazer parte.

Tal constatação não poderia, todavia, prevalecer, e os conectores fáticos são cada vez mais alvo de investigação, preocupada essencialmente em analisar o funcionamento de algumas das formas mais frequentes<sup>9</sup>.

Neste momento, estão já coligidas algumas conclusões, que individualizam o funcionamento dos conectores fáticos, a que são cometidas funções sociais e discursivas:

- a) o conector fático chama a atenção para a mensagem que está a ser transmitida, é uma estratégia discursiva de «getting-attention», como propõe Romero Trillo<sup>10</sup>.
- b) tem uma função social que regula o seu uso: o locutor tende a omiti-los num registo mais formal<sup>11</sup>.
- c) É uma marca de cortesia.

<sup>9</sup> Veja-se, por exemplo, os trabalhos, citados na bibliografia, de Mariana CHODOROWSKA, Anna de FINNA e Jesús ROMERO TRILLO.

<sup>10</sup> «...speakers make use of markers to draw attention to what is being talked about, even though the turn is already in progress. The reason for using attention-getting or attention-maintaining techniques may be a speaker's feeling that s/he is not being listened to, or the need to emphasize part of an utterance because of its importance for the correct understanding of the message.» (TRILLO, 1997:220)

<sup>11</sup> Sem que isso signifique que o locutor renuncia marcar no discurso essa relação interpessoal. Antes usa outros dispositivos linguísticos.

Aceitando estas conclusões, não é possível deixar de considerar que não atingem a dimensão fulcral do funcionamento dos conectivos fáticos. Para o Português, gostaria de chamar a atenção para o conector «ouviu?», incluindo as variantes gramaticais «ouviste?» e «estás a ouvir?».

Terei como ponto de partida alguns trabalhos realizados para o Espanhol e o Inglês, que me permitirão acentuar a importância e alcance da função interpessoal que estes conectores marcam.

Daí decorre a importância a acordar à determinação do quadro comunicativo e, em particular, do estatuto comunicativo dos interlocutores.

Com efeito, a presença ou ausência física dos locutores é uma variável fundamental desse quadro comunicativo que se instaura em cada interação. A compreensão física ou facilitada pela tecnologia, de que o telefone é o exemplo mais comum, é necessária a uma relação que se pretende e mostra baseada na reciprocidade.

Neste enquadramento, os conectores 'fáticos' recensados são, realmente e em primeiro lugar, sinais que ratificam os papéis comunicativos assumidos, ao focalizarem o alocutário<sup>12</sup>. São também, recuperando a expressão de Jakobson, sinais que servem para comprovar que o canal está a funcionar e, finalmente, são a marca de uma relação interaccional cortês, que procura captar a benevolência do alocutário.

Estas são, com efeito, as características elencadas para os usos mais documentados, que se caracterizam, em Português, pela ocorrência no início do enunciado ou num enunciado autónomo:

- (1) *Maria, estás a ouvir...?*
- (2) *Ouve, quero dizer-te uma coisa.*
- (3) *Ouve, ainda não acabei.*
- (4) *Estás a ouvir? É que estavas tão calada!*

Nos exemplos agora elencados, se são fortes as funções comunicativas e interacionais realizadas por estas expressões, a verdade é que o semantismo do verbo permanece ainda de forma clara, ou talvez mesmo preponderante.

Mas este contexto não esgota a sua ocorrência nem a descrição dos seus funcionamentos. Em final de frase, a mesma forma gramatical tem funcionamentos e funções diferentes, que evidenciam a importância deste tipo de elementos na estruturação do discurso:

<sup>12</sup> «...?me entiendes? (...) It does not add anything to the basic propositional meaning of of a sentence, but rather it appears to draw attention to the importance of the hearer in the conversation. The speaker (S) overtly acknowledges his/her search for the hearer's (H) approval and cooperation.» (CHODOROWSKA, 1997:356)

(5) Nunca mais saias sem me avisar, ouviste?

(6) É a última vez que o aviso, ouviu?

Neste contexto, «Ouviste?/Ouviu?» é marca de conflito entre os interlocutores. A relação construída entre ambos é claramente assimétrica, ou vertical nos termos de Kerbrat-Orecchioni, marcada pela autoridade do locutor relativamente ao alocutário.

Fora de qualquer interpretação similar às que acima apresentei para as ocorrências em início de enunciado, este conector cria uma ameaça à autonomia do alocutário, enquanto questiona o seu papel comunicacional, ou melhor, a competência para o desempenhar. O semantismo do lexema quase se esvai<sup>13</sup>. Com efeito, aqui não há nenhum problema físico de comunicação, originado por causas externas ou pela não assunção, ou demissão do (possível) interlocutor, do seu papel de alocutário<sup>14</sup>.

A agressividade decorre do facto de o locutor, exercendo o «pouvoir exorbitant que s'arroge le questionneur» (DUCROT, 1983:99), questionar o alocutário sobre o cumprimento de uma atitude que lhe é afinal indispensável para o desempenho da função de alocutário.

Complementarmente, desenha o estado emocional do locutor, incapaz de cumprir a norma social «seja cortês». Mais ainda, «ouviu?» não constitui nunca um acto de pergunta, é sempre uma ameaça que maximiza o valor ilocutivo do acto de linguagem realizado.

A presença do conector fático é tão mais fundamental quanto influi ao nível macro e microdiscursivo. Exerce uma função reguladora da imagem dos interlocutores, da relação que estabelecem entre si e da continuidade do discurso, na medida em que todo o eixo da argumentatividade própria do discurso fica condicionado pelas imagens que aí se constroem.

Não é possível, pois, aceitar a afirmação de M<sup>a</sup> Antonia Zorraquino e Portolés Lázaro, que é tributária de uma definição de função interaccional paralela a uma função informativa:

«Además de cumplir una función 'informativa' ('transaccional'), orientada hacia el message – fundamental y predominante en el texto escrito – la conversación presenta una función 'interactiva' ('interaccional'), orientada hacia el interlocutor.» (ZORRAQUINO e PORTOLÉS LÁZARO, 1999: 4143, in BOSQUE e DEMONTE).

<sup>13</sup> Repare-se, por exemplo, que, para o Brasil, os mesmos contextos seleccionam também a forma «Viu?»

<sup>14</sup> Marcada no enunciado: «Ouve! Ainda não acabei!»

Reforçar a imagem positiva ou negativa não é apenas uma dimensão da cortesia, é essencialmente marcar uma relação que condiciona a argumentatividade do discurso, que intervém na construção do sentido<sup>15</sup>.

Pela função discursiva que desempenham, os conectores fáticos são compatíveis essencialmente com um discurso cujo quadro comunicativo implica a compreensão e relação recíproca e assimétrica dos interlocutores. Marca uma relação entre interlocutores identificados ou identificáveis, e justifica, por outro lado, a ausência deste tipo de dispositivos linguísticos em textos escritos que seleccionam um alocutário «universal», impossível na relação dialogal. Este é o caso dos ‘avisos’, afixados em lugares públicos. Mas a relação de impessoalidade a que a generalização conduz está marcada na estruturação dos conteúdos, pelo uso, nomeadamente, de formas não finitas do verbo<sup>16</sup>.

(7) Não fumar.

(8) Fechar a porta.

(9) Proibida a entrada.

constituem a realização de actos linguísticos de ordem que, dirigidos a um alocutário despersonalizado, por um locutor igualmente despersonalizado, perdem força ilocutória na actualização particular que implicam.

De tal teve certamente consciência um anónimo jardineiro de Aveiro que, cansado de não ser ouvido/lido, plantou uma placa no jardim que dizia:

(10) Não pise a relva, ouviu?

Podemos sorrir ao lê-la, mas certamente somos sensíveis a esta ordem que claramente nos é dirigida e contornaremos o jardim para não molestar a relva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÉGUELIN, Marie-José. 1998. «Le rapport écrit-oral. Tendances dissimilatrices, tendances assimilatrices». *Cahiers de Linguistique Française* 20. Faculté de Lettres – Université de Genève. pp. 229-253
- BENVENISTE, Émile. 1974. «L'appareil formel d l'énonciation». *Problèmes de Linguistique Générale II*. Paris: Gallimard. pp. 79-88
- CHORODOWSKA, Marianna. 1997. «On the polite function of ¿me entiendes? in Spanish.». *Journal of Pragmatics* 28. Amsterdam: North Holand. pp. 355-371.

<sup>15</sup> Recordo o que atrás afirmei sobre o facto de os interlocutores não ocuparem um lugar comunicacional fora da construção do sentido.

<sup>16</sup> O uso do imperativo, em alternância a esta construção não impede a construção de um mesmo alocutário generalizado: «Feche a porta.»

- DUCROT, Oswald. 1983. «La valeur argumentative de la phrase interrogative». in *Logique, argumentation, conversation. Actes du colloque de Pragmatique*. Fribourg (1981). Berne: Peter Lang
- ERMAN, Britt. 2001. «Pragmatic markers revisited with a focus on you know in adult and adolescent talk». *Journal of Pragmatics* 33. Amsterdam: North Holland. pp. 1337-1359.
- FINNA, Anna de. 1997. «An analysis of Spanish bien as a marker of classroom management in teacher-student interaction». *Journal of Pragmatics* 28. Amsterdam: North Holland. pp. 337-354.
- FONSECA, Joaquim. 1994. «A heterogeneidade na língua e no discurso». in *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*. Porto: Porto Editora. pp. 49-94.
- FRASER, Bruce. 1999. «What are discourse markers». *Journal of Pragmatics* 31. Amsterdam: North Holland. pp. 931-952.
- JAKOBSON, Roman. 1988. «El metalenguaje como problema lingüístico». in *Obras selectas*. I. Madrid: Gredos. pp. 369-376
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. 1996. «L'analyse des conversations». *Le Français dans le Monde – le discours: enjeux et perspectives* (numéro spécial). Paris: Hachette. pp. 30-38.
- MONDADA, Lorenza. 2001. «Pour une Linguistique Interactionnelle». *Marges Linguistiques* 1. [http:// www.marges-linguistiques.com](http://www.marges-linguistiques.com)
- TRILLO, Jesús Romero. 1997. «Your attention, please: Pragmatic mechanisms to obtain the addressee's attention in English and Spanish conversations». *Journal of Pragmatics* 28. Amsterdam: North Holland. pp. 205-221.
- VION, Robert. 1992. *La communication verbale*. Paris: Hachette.
- WILSON, John. 1993. «Discourse marking and accounts of violence in Northern Ireland». *Text* 13. pp. 455-475
- ZORRAQUINO, M<sup>a</sup> Antónia Martín e PORTOLÉS LÁZARO, José. 1999. «Los marcadores del Discurso». in Bosque, Ignacio e Demonte, Violeta (org). 1999. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa.

